



## **Pretos e Brancos: Uma Só Etnia<sup>1</sup>**

Kamila dos Santos NASCIMENTO<sup>2</sup>

Fabício Santos de MATTOS<sup>3</sup>

Faculdade Estácio do Pará, Belém, PA

### **RESUMO**

A experiência universitária intitulada “Pretos e Brancos: uma só etnia”, é um livreto com 29 fotografias, acompanhadas de pequenos textos informativos, que documentam um dia de atividades da IV edição dos Jogos Indígenas do Pará, que em setembro de 2014 reuniu 15 etnias indígenas para a integração e socialização dos povos. Resultado de um planejamento jornalístico, o trabalho iniciou com um objetivo, mas durante a cobertura, deparou-se com uma importante temática social: o lado B da civilização indígena. Portanto, buscou-se debater, a partir de fotografias, a igualdade entre os povos separados como civilizados e primitivos. Esta atitude foi uma forma de assumir o compromisso social como futura jornalista, além de trabalhar a valorização cultural indígena da Amazônia.

**PALAVRAS-CHAVE:** pretos e brancos; fotografia; indígenas; planejamento jornalístico; Amazônia.

### **1 INTRODUÇÃO**

O produto apresentado, é consequência de uma brusca mudança de angulação durante uma cobertura jornalística no interior do estado do Pará. O trabalho universitário que iria reportar a mobilidade dos visitantes no IV Jogos Tradicionais Indígenas do Pará, em 2014, passou para uma outra abordagem durante a cobertura, quando notou-se a presença de uma manifestação social explícita, de caráter universal, porém mais preocupantemente de caráter regional: a rotulação do índio.

O trabalho formou-se no sexto semestre do curso de jornalismo da faculdade Estácio do Pará, com base nos ensinamentos da matéria de Planejamento de Coberturas Jornalistas. Durante este período do curso, foram elaborados roteiros e reportagens. Este

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo, modalidade Livro-reportagem (avulso), do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade Estácio do Pará, email: monteirokamilnascimento@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Faculdade Estácio do Pará, email: fsdemattos@gmail.com



trabalho em especial, não ganhou formato de texto, e com as mudanças repentinas durante o processo de cobertura, foi necessário aproveitar parte do planejamento inicial – administrativo e financeiro, e adequar-se ao que se tinha em mãos, para não deixar a pauta “cair”.

Reconhecendo a importância da problemática, buscou-se narrar o único dia de cobertura como uma extração da realidade paraense em relação aos povos indígenas. Para o amadurecimento da ideia, foi levado em consideração a facilidade diária de convivência com várias etnias locais e a insistência da população local em rotular o índio como àquele que não pode ter uma vida civilizada ou mesmo não tem capacidade para tal.

Em um artigo publicado no Portal da Universidade Metodista de São Paulo, Helena de Biase, até então coordenadora de projetos do Departamento de Educação da FUNAI, declarou que "os índios são considerados um estágio primitivo da humanidade. As pessoas acham que quando eles começam a evoluir e a lutar pelos seus direitos, deixam de ser índios".

Mesmo com o multiculturalismo de uma sociedade intelectualmente desenvolvida, ainda há exclusão de grupos sociais, o que motiva, trabalhos como “ Pretos e Brancos – uma só etnia ” a dar mais voz à questões como esta, para que o assunto se torne maduro e elimine preconceitos raciais.

Historicamente, a sociedade construiu critérios de julgamento, a partir de um sistema hierárquico, formando níveis de uma pirâmide que são compostas por grupos ditos evoluídos, ou bem instruídos, e por aqueles denominados de marginais, dando forma no entende-se por desigualdades sociais. Ou seja, a cultura, por meios históricos, baseia-se em um chamado “discurso de verdade”, e cria assim um sistema de rejeição.

Também é anexada a este debate a historiografia, termo utilizado por Vânia Maria Losada Moreira, que em seu artigo intitulado *Índios no Brasil: marginalização social e exclusão historiográfica*, explica que a expressão significa “um diálogo entre o presente e o passado”.

[...] concedida pela historiografia à questão indígena gera um círculo vicioso, pois se o índio é pouco visível nas obras de caráter historiográfico, especialmente naquelas que tratam do período pós-colonial, é porque, em grande medida, teve também pouca visibilidade no ambiente social que originou aquelas obras. Formou-se um círculo vicioso: a subalternidade social gera uma espécie de “invisibilidade” histórica e esta, por sua vez, ajuda a reproduzir a subalternidade e “invisibilidade” social. Trata-se, além disso, de um círculo vicioso que



precisa ser, de algum modo, superado. (MOREIRA LOSADA, 2001, p. 3)

Durante e depois da finalização do trabalho, foi reforçada ainda mais a necessidade de desmitificar velhos conceitos – heranças culturais que ainda prevalecem como métodos de critérios de julgamento. Só a partir dessa mudança, toda a comunidade seguirá o mesmo ritmo de amadurecimento, sem hierarquizar grupos e transformando-se uma sociedade mais igualitária, colocando em prática todo o discurso que há anos vem sendo veiculada pelas mídias sociais e veículos de massa.

A escolha pela fotografia foi primordial após definir a intenção de dinamismo e comprovação da realidade dos fatos debatidos. Mesmo com um discurso em um texto bem elaborado, relatando sobre os preconceitos contra a civilização indígena, a imagem romântica fixa no imaginário popular iria apenas reforçar ainda mais, e não comprovar a igualdade entre povos.

Mesmo entendendo que em um trabalho fotográfico a exposição de cores pode ser bastante relevante – principalmente para enaltecer a beleza de culturas ricas em apetrechos, como miçangas, penas e sementes, a utilização do preto e branco foi escolhida intencionalmente para alguns objetivos: resgatar a ideia de deixar tudo às claras, para reforçar a intenção de igualdade, não fazendo distinção entre os envolvidos. Com estas definições, nada mais adequado que nomear o trabalho com a essência metódica desenvolvida ao longo de todo o processo.

A sessão de fotos ocorreu em apenas uma tarde e parte da noite na praia de Marudá. Já a partir do título e trabalho gráfico na primeira página de apresentação, o observador já percebe que a temática vai além de contos indígenas ou curiosidades. Superficialmente, as imagens retratam um dia de competições esportivas, mas a partir dos pequenos textos informativos e comparativos com as funções e criatividade do “homem branco”, o observador é desafiado a pensar as cenas de forma diferente, adequando a realidade indígena ao da civilização.

Mesmo com a complexidade do tema e a forma de falar sobre ele, utilizando mais imagens e menos texto, o discurso do trabalho não foi prejudicado, pois segundo Muniz Sodré o “discurso não diz respeito às proposições ou às frases sistematicamente consideradas (quer dizer, atinentes à língua enquanto estrutura), e sim aos enunciados, inseridos num *contexto* [...]”, o que acontece com as imagens e as curtas informações, as quais trabalham com uma temática ampla, polêmica e antiga, mas de conhecimento histórico e de amplitude global.



A diversidade interpretativa diz respeito ao *valor de realidade* do acontecimento, quer dizer, ao seu potencial de descrição do real-histórico de uma ocorrência, seja esta um aspecto miúdo do cotidiano ou um fato de grandes proporções sociais. É a direta vinculação com o real-histórico que dá margem para o que o discurso possa ser pensado. (SODRÉ, 2012, p. 142)

## 2 OBJETIVO

O livreto surgiu para levantar a discussão de uma maneira diferente, permitindo pessoas de qualquer faixa etária possam entender o discurso e propagar a ideia de igualdade. Trabalhando a questão indígena e identidade amazônica, não houve preocupação de saturação ou não do tema, já que a abordagem seria menos entediante comparada aos materiais disponíveis sobre a questão.

Desta maneira, o trabalho avaliou a questão indígena no âmbito da igualdade social, preocupando-se principalmente com as atitudes locais, que geram um processo contrário de valorização nativa e discursos de proteção à herança cultural. Neste sentido, trabalhou-se com imagens em preto e branco, para não sobrepor belezas, sempre reforçado a ideia da existência de apenas uma etnia, como o subtítulo mesmo já antecede.

## 3 JUSTIFICATIVA

Outro fator determinante para a maior utilização de fotos e não de texto era trabalhar com o discurso não verbal. Com este método, o trabalho torna-se um diferencial para o tratamento do tema, não repassando um ar moralista e metódico, e sim uma dinâmica mais próxima e interessante para entender a igualdade entre povos.

Discute-se sempre a manipulação da fotografia, do tratamento da verdade absoluta, lê-se realidade, e da interferência do fotógrafo na captura da cena. O produto apresentado, trabalhou a partir da percepção da fotógrafa e do compromisso social como aprendiz do jornalismo, portanto, explica-se os enquadramentos e o uso do P&B. A verdade documentada é autoexplicativa considerando o contexto no qual está inserida.

A fotografia já tem em si a gênese ideológica que lhe dará forma, cabendo ao referente situar-se como ponto e chegada dessa intenção. Ao observar uma foto, há um pedido implícito o fotógrafo, em relação ao observador, para que ele confie no que vê, que não olhe para os lados, apenas dirija seu olhar para frente, para o retângulo, que esqueça o passado e o futuro, se situe apenas no presente; aquele presente é a



verdade, mesmo sendo uma fotografia. (VICENTINI E OLIVEIRA, 2010, p. 119)

Mas, as imagens por si só não seriam capazes de relatar o que realmente foi encontrado nos jogos indígenas, pois apenas a fotografia não consegue extrair todo o seu potencial informativo, por isso pequenos textos explicativos acompanham todas as imagens para poder situar o observador não apenas da problemática, mas também do que envolveu aquela mobilização, afinal, o evento era notícia.

Quando há debates sem processos evolutivos positivos, de nada adianta a mobilização, isto justifica a insistência do trabalho nesta discussão, para não deixar esquecido uma questão social que foi apenas levantada e ainda não foi resolvida.

#### **4 DESCRIÇÃO DO PROCESSO E MÉTODOS**

O trabalho tem como fonte de inspiração o IV Jogos Tradicionais Indígenas do Pará, que ocorreu entre os dias 4 e 10 do mês de setembro em 2014, na praia de Marudá. A pauta inicial era reportar a mobilidade de um visitante e a proximidade com os indígenas – até que ponto era permitida a socialização com competidores e como se daria a experiência de troca de saberes. Tudo partiria de uma vivência com os povos para analisar de forma crítica a acessibilidade, já que um evento deste porte normalmente era realizado em cidades mais afastadas das regiões norte e nordeste do estado, onde concentram-se boa parte da população urbanizada.

Para encarar o desafio, foi vetada pela própria autora a participação em um grupo de universitários e professores da instituição que firmaram uma parceria com a organização do evento. Ou seja, Este grupo seletivo, de fotógrafos e jornalistas, teriam a oportunidade de conviver com os indígenas além das competições, podendo desfrutar da oportunidade de ter uma realidade próxima de vivência em uma aldeia. As 15 etnias construíram um acampamento indígena para aproximar suas realidades diárias.

Antes e durante os jogos, foram feitas leituras diárias sobre o evento em portais online. As leituras antecipadas, foram úteis para o embasamento de informações as quais retratavam a importância da realização do evento, sua amplitude, além das expectativas e conhecimento prévio da programação prevista. Desta forma, foi possível montar um roteiro de cobertura, para o aproveitamento do curto tempo permitido para a realização da atividade.



As leituras posteriores, foram fundamentais para conhecer melhor as etnias convidadas e conhecer suas histórias, compondo assim um livreto com uma postura firme e de segurança para tratar do tema. Também foi de suma importância para informação dos outros cinco dias sem a cobertura.

Saindo do município de Castanhal com destino à Marudá, são aproximadamente duas horas de viagem de ônibus. Então, para o dia 7 de setembro, às 9 horas da manhã, foi planejada a ida aos jogos, com retorno no dia seguinte logo cedo pela manhã. Por questões financeiras e de tempo, as opções eram ir e reportar apenas um dia de competições, ou não ir e deixar passar despercebido o evento.

Pela firme opção de não juntar-se com o grupo da faculdade que já estava instalado em Marudá desde a abertura dos jogos, a opção de estadia foi estratégica, acomodando-se com pessoas conhecidas que também já estavam na praia e assistiam as competições diariamente. A partir desta aproximação com expectadores dos jogos, seria possível entender de perto a acessibilidade do visitante – que era a intenção da primeira pauta.

Chegando na praia, pouco antes do meio dia, foi feita a primeira “sondagem” do que estava acontecendo no local e como estava a perspectiva dos turistas. No período de uma hora, foram feitas fotos do local, dos artesanatos, das grandes estruturas montadas e foi percebido o estranho comportamento de quem passava pelo local.

Constantemente, a maioria das pessoas tratavam os indígenas como se fossem meros objetos de exposição. Também estavam abobalhados com qualquer atitude “anormal” para um índio, como por exemplo, o uso de câmeras fotográficas e de aparelho celular. Foi então, que a mudança de pauta ocorreu.

A partir das 15 horas daquele dia, as delegações de competidores finalmente chegavam para mais uma tarde de jogos. Com a mudança de planos e sem credenciamento de imprensa, a única opção era se infiltrar entre os jornalistas credenciados e chegar o mais próximo possível dos indígenas. Até certo ponto a estratégia funcionou.

Durante todo o processo, muitas dificuldades foram encontradas, mas com habilidades de observação e de aproveitamento, boa parte da deficiência foi superada.



Como até então a proposta não era especificamente um trabalho fotográfico e a autora não é fotógrafa de profissão, apenas tem as instruções das aulas de introdução à fotografia do primeiro semestre, a alta qualidade da câmera não foi uma prioridade no planejamento. Foi então utilizada a câmera fotográfica digital Polo D3200, a única disponível para a cobertura.

Em alguns momentos, as falhas da câmera foram utilizadas a favor das fotografias, dando um tom pouco mais artístico, como na foto da página 12 por exemplo, onde está retratada a imagem de um índio em uma pescaria com lanças, e as ondas em movimento não foram capturas de forma nítida, deixando borrões brancos em meio a escuridão da noite.

Os fatores criatividade e economia foram bastante evidenciados, exibindo as pinturas corporais como forma de manifestação cultural e de interesses, como são as tatuagens urbanas, e a feira de artesanatos em uma organização de camelódromos, como em uma cidade.

O tratamento das imagens foram os menores possíveis para não modificar a essência do que foi registrado, portanto, as fotos foram apenas transformadas em preto e branco, com o mínimo ajuste de luminosidade. E, principalmente para fazer a comparação com o título e seguir a intenção de igualdade entre os povos, não possibilitando a exaltação de belezas em relação a outras.

Ganhando formas, o livreto é composto por 31 páginas, sendo 29 com fotografias e textos, uma como capa e outra com uma pequena apresentação do trabalho. As etnias presentes no evento foram Aikewara, Arawete, Assurini do Tocantins, Assurini do Xingu, Gavião Kyikatejê, Gavião Parkatejê, Guarani, Kayapó, Munduruku, Parakanã, Tembê, Xikrin, Wai Wai, Pataxó, Xerentes, porém, nem todas estão presentes no registro fotográfico.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a finalização do trabalho, foi feita uma auto avaliação da capacidade de improvisação, planejamento de cobertura jornalística, persistência, flexibilidade com entrevistados e habilidade fotográfica, colocando em prática em apenas um dia os vários ensinamentos repassados ao longo do curso de jornalismo até aquele momento.



O envolvimento com questões indígenas não é novidade desde o primeiro semestre do curso, mas a cada capítulo enfrentado e vivido intensamente, fica uma lição para a vida profissional e pessoal. Desta vez, com a proximidade da despedida da academia, a igualdade foi um tema fortemente compreendido, refletido e envolvente, o qual motivou um compromisso social e ético amplo, que ultrapassa qualquer aprendizagem metódica, e está fixada para a toda a vida.

## REFERÊNCIAS

LOSADA MOREIRA, Vânia Maria. **Índios no Brasil**: marginalização social e exclusão historiográfica. Dinamarca: Ed. Aarhus Universitet, 2001. em >  
><http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=16200304> < acesso em 9 abri. 2015.

SODRÉ, Muniz. **A Narração do Fato** – Notas para uma Teoria do Acontecimento. Petrópolis: Ed. Vozes, 2012.

OLIVEIRA, Erivam Moraes de; VICENTINI, Ari. **Fotojornalismo**: uma viagem entre o analógico e o digital. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

OFICINA DO CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS. n° 135. 1999 Rio de Janeiro. em >  
><http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/135/135.pdf> < acesso em 9 abr. 2015.

PORTAL METODISTA, Universidade Metodista de São Paulo. em >  
><http://portal.metodista.br/pastoral/reflexoes-da-pastoral/exclusao-etnica-indio-um-cidadao-especial> < acesso em 9 abr. 2015.